

pezasse. Por isto cada dia lhes davão de novo as graças; e, sendo ternamente amadas de seus esposos, tiverão filhos, cuja saúde, e sensibilidade promettia virem a ser homens uteis a seus semelhantes, e dignos de estimação.

Em tanto o bom Antonio não me occultava a dôr, que o consumia, dizendo-me: Amigo, este prazer, de que gozo, he prazer envenenado. Acaso morreria a minha Marianna, e farião por encobrir-me este cruel accidente? Ai de mim! Bem o tinha premeditado! E todavia me violentava para dissipar receyos, que não erão, se não mui bem fundados. Mas, se ella houvesse tido alguns trabalhos (replicava eu) já nós teriamos noticia delles; crede-me, o que vos digo; e não desesperéis de terdes ainda boas novas da Condessa.

Nisto praticavamos nós repetidas vezes; até que hum dia chegando á estrada vimos parar o coche da passagem, e sair delle á pressa huma mulher vestida de luto, e correr a lançar-se nos braços de Antonio, que deu hum passo atraz por melhor se affirmar nella. Ah meu pãe, exclamou a mulher, já me não conhece! He Marianna! bradou então Antonio abraçando-a: minha filha, como estás mudada! Que lucto he esse? Sabe-rá, Senhor... replicou Marianna, e sem dizer mais nada se pôz a chorar, até que dando com os olhos em mim, me dice: Cá

estais vós, Senhor? Ai de mim, que sou a mulher mais infeliz, e digna de compaixão! Meu pae, a fortuna, que me profetizou inda mal que se me cumprisse bem a risca! E, se eu não quiz ceder á sua prudencia, bem castigada me vejo agora: e sobre isto dobrava-se-lhe o pranto.

Neste estado voltámos para casa, levando eu a Condessa sobraçada, e tal que apenas podia andar. Quando lá chegamos deu ella hum alto gemido exclamando: « Ah! E » porque não vivi eu sempre nesta casa? » Logo correndo a abraçar a mãe, proseguiu: « He possível, minha querida mãe, que a » torno a ver? » Depois não fez mais que soluçar: e as irmãs, sabendo da sua chegada, vierão-se correndo onde ella estava.

Em fim viemos a saber, como o Conde, que disfarçado em Luiz se havia mostrado tão estimavel, e virtuoso, restituído á Capital, e ao seu verdadeiro ser, se havia entregado a todas as desordens, e excessos, que muitas vezes acarretão as riquezas, e o alto nascimento. Que, depois de ter maltratado sua mulher com indignos procedimentos, se dera a toda sorte de vícios, e havia desbaratado todos os seus bens, e os de seu pae, até que veyo a morrer victima dos males, que são o certo castigo dos costumes dissolutos. Constou-nos porém, que elle antes de morrer reconheçera os seus erros, e se reconciliára com sua con-

sorte, a quem deixava na ultima miseria, e obrigada a valer-se da beneficencia de seu pae. Minhas irmãs, accrescentou a Condessa abraçando-as, e chorando, que exemplo! Que lição! Estou-vos lendo nos semblantes, que gozaes daquella felicidade, de que eu também podéra lograr-me, se quizesse. Eu devèra, logo que caiu a mascara ao disfarce, que me enganou, mudar de opinião, e negar ao Conde a ternura, com que amava a Luiz. Mas valha a verdade: aquelle amor funesto andava já misturado com illusões enganosas. . . . Meu pae, boa vingança lhe deu o Ceo de mim, que não onsava escrever-lhe, nem participar-lhe os meus desgostos. . . . Mas bem os mereci. . . . Então Antonio abraçando-a estreitamente lhe dice: Minha filha. . . . minha filha, cessa já de fallar-me em teus erros, e infortunios. Esqueçâmo-nos da Condessa: basta, que tornei a achar a minha Marianna! E que tú achasses hum amigo, que fará tudo por consolar-te, e estancar essas lagrimas! Tornas a viver com nosco, como se nunca nos houveramos apartado. Aqui conhecerás ser verdade, que, se neste mundo podemos asir-nos da sombra da felicidade, não a tomamos nunca entre os falsos ouropelles, e esplendores, que só deslumbrão o vulgo insensato; nem também nas convivencias, e cidades; na solidão campestre sim, e no seyo da igualdade, conversando estes habi-

tadores do campo, cuja vida obscura, e innocente só desprezão estúpidos orgulhosos.

Agora o que parecerá mais extraordinario he, que a Condessa teve o valor de revestir-se nos antigos trajos de Marianna, e com elles os costumes campezinhos. A sua historia deu brado; concorrerão a ella pretendentes d'altos predicamentos; mas a Condessa enjeitou a todos, não querendo ouvir mais fallar em cortes, e cidades, nem na que tão impropriamente se chama *gente de bem*. Esta Senhora desenganada por meyo da desgraça permaneceu constantemente no seyo da sua familia, comparando de continuo a tranquillidade, e bemaventurança de suas irmãs com as amarguras da brilhante fortuna, cujas apparencias a tinham enganado.

Este caso, como he de crer, não fez que Antonio abjurasse a sua Filosofia, a qual mûitas pessoas hão de reprehender. Mas, se em todo caso lhe quizerem chamar misanthropo, ao menos devem confessar-me, que foi hum estimavel misanthropo.

*SYBILLA, E LUZINHAN, OU NO-
VO EXEMPLO DA TERNURA
CONJUGAL.*

Balduino Rei de Jerusalém, (1) pouco tempo antes de fallecer, entendendo que a sua doença o inhabilitava para cumprir com os deveres da Soberania, adoptou em certo modo por Collega a Guido de Luzinhan, Conde de la Marche, com o titulo de Governador do Reino. Esta escolha, como era natural esperar-se, foi acompanhada de inveja, paixão, que arrasta aos mayores excessos, e

Tom. III. V don-

(1) Balduino IV filho de Amaury, que foi atacado de lepra desde a idade de 13 annos, viu-se impossibilitado, como já o fora Carlos VI de França, para cumprir com as obrigações da Realeza; e, em quanto não teve idade para reger por si, administrou-lhe o reino o Conde de Tripoli, Raimundo III. seu parente o mais chegado. Receyando pois o Monarcha, que Boemundo Principe de Antiochia, e o Conde Raimundo suscitassem revoltas para o detronizarem com o pretexto da sua infirmitade, casou Sybilla sua irmã viuva do Marquez de Monserrato com Guido de Luzinhan, filho terceiro de Hugo o trigueiro Conde de la Marche, e Senhor de Luzinhan, que acompanhára a Luiz o moço na expedição d'Ultramar. Balduino fez a seu Cunhado Conde de Jaffa, e Ascalona, e Governador do Reino, mercês, que fizeram nascer dissensões &c.

donde se derivão o geral descontentamento dos Grandes, e logo a sua manifesta rivalidade. Era chefe dos descontentes Raimundo Conde de Tripoli, de cuja ambição, e perfidia indignissimas de seu nascimento he notorio, a que extremos de crimes o chegarão. (2) Este devorava no secreto do coração a herança de Balduino, que na eleição de Guido em Governador do Reino se mostrara pouco favoravel ás esperanças de Raimundo. Sybilla irmã mais velha d'El-Rei defunto havia recebido de sua mão o consorte Luzinhan; e, com quanto as facções, que cada dia tomavão mais corpo, lhe não podião contrastar os seus direitos, união-se ainda

(2) Raimundo descendia por linha recta do outro famoso Raimundo de Tolosa; e foi hum dos mais cruéis inimigos de Luzinhan. Guilherme Arcebispo de Tyro, e Chanceller-mór do Reino, fez por congraçalos; mas debalde, porque Raimundo não podia perdoar a Luzinhan a felicidade de haver sido elevado ao Throno. Sua alma sombria, e atrabiliosa era abrasada de todas as chamas da ambição, a qual o fez cair em tão horriveis excessos, que, traindo a Religião, a honra, e a probidade, passou a militar debaixo das bandeiras de Saladino; abraçou os erros de Mafoma; e foi causa da total destruição dos Fieis na Palestina, depois de fazer, com que o Soldão desse huma batalha, onde Luzinhan ficou prisioneiro, e foi aso de se tomar Jerusalém. Saladino havia prometido este Reino ao Conde Raimundo; mas enganou-o; e, elle vendo-se frustrado nas suas esperanças, entrou em convulsões de raiva, e nellas acabou a sua vida manchada da mais vil de todas as traições.

da assim para afastarem seu marido dá elevação, que todos os seus rivales pertendião, sendo Raimundo entre todos, o que mais descobertamente se lhe oppunha.

Estava já decretado o dia da acclamação de Sybilla; e ella se dava a si propria o parabem de communicar a Luzinhan o seu thalamo, e o Throno. Amado esposo, dizia Sybilla, se não empunhasseis o meu Sceptro, poderieis crer, que vosa consorte acharia o menos attractivo na alteza da Soberania? Reinai em Jerusalem, como o fazeis no meu coração; eu serei a primeira, que jure obediencia ás vossas leis; sim, eu mesma darei a nossos vassallos o exemplo da docilidade, e da submissão. Agora vos darei vingança das injurias, e sem razões da fortuna. Em que fronte estaria melhor o Diadema, que na de Luzinhan? Que prazer delicioso, que doce embriaguez sinto nesta alma, quando me lembra, que vou decorar com a insígnia dos Reis o esforço, a virtude, e o amor! O amor . . . Sim, amado Luzinhan, bem sabeis; que não tem havido outro, que chegasse ao meu. Não ignoraes, quantos enredos tenho desfeito, as baudorias, a que tenho resistido para vos fazer meu esposo; sabeis que Raimundo . . . mas El-Rei deve esquecer as injurias, que lhe fizerão, sendo Principe. Por tanto cuidemos sómente em associar os nossos esforços, para assegurar-mos a felicidade dos povos, e abriga-los dos so-

bresaltos daquelle possante inimigo, daquelle Saladino tão temivel: seja de hoje em diante Luzinhan o meu heroe, e o da Palestina.

A ternura de Luzinhan não desdiziã da de Sybilla, que em fim, se a gratidão basta para inspirar os mais vivos affectos nas almas nobres, que taes serão elles, quando o amor os aviva com as suas chammas!

A Princeza pois acompanhada dos Grandes foi levada ao lugar da Coroação, onde sobre hum Altar estavam dispostas as Reaes insignias. E ao tempo, em que ella esperava receber a Coroa, ex-que soa huma voz acompanhada logo de outras, que bradavão: *Não se coroe, não seja coroada Sybilla, se não repudiar Guido de Luzinhan, e escolher outro marido.* (3) Quizera a Princeza responder; mas hum clamor universal abateu as poucas palavras, que dice; e, vendo que não podia pairar áquella tormenta, erguendo-se de repente, sahio precipitada a encobrir sua desesperação nos retretes mais intimos do Paço.

(3) Este factó anda assim referido na Historia. Os malcontentes mandárão notificar pelos principaes Senhores do partido opposto á Corte, que elles de boamente convirião em coroar a Princesa, se ella, repudiando Guido de Luzinhan, elegeisse outro Principe, para consorte do seu tóro, e do Throno. Raimundo foi, quem excitou este clamor, lizongeadose com a esperança de ser seu esposo, e Rei, divorciando-se da mulher, com quem era casado.

ço. Ali ordenou a todos os criados, que a deixassem só com o marido, a quem unicamente permittiu, que deixassem entrar na sua camera. E, como elle chegou á sua presença, Principe (exclamou Sybilla, correndo para elle, toda desfeita em lagrimas) bem vedes, que intentão intentão separar nos; mas eu . . . Eu receber outro consorte, e eleva-lo ao meu Throno! . . . Não, Luzinhan, a tanto custo não quero reinar: não, antes morrer, unico refugio, que me fica. Ouvi-me Princesa, tornou então Luzinhan, sei o quanto me amais, e também vou mostrar-vos, que o meu amor não desmerece do vosso. O Throno pertence-vos; cumpre que subaes á sua alteza, ao lugar, que o mesmo Ceo vos havia deputado. Sybilla . . . ha de ser Rainha, antes que seja minha consorte. Falais-me, Senhora, em morrer? Eu sou, o que devo perder a vida, se não tiver assás esforço para a supportar; não posso dissimular comigo . . . eu sei . . . conheço a minha obrigação. Sim, amada Princeza, Luzinhan cederá a seu cruel destino; mas nunca consentirá, que Sybilla participe da sua ruina. Reinai . . . e morra eu embora. Esquecei-vos, se isso cumpre á vossa tranquillidade, do muito, que vos amo: apagai esta imagem . . . mas eu, hum guerreiro, chorando! Sim; que este he hum dos golpes, que atroáo o esforço mais constante. He certo, que, se eu me vira elevado com vosco ao Throno, fi-

ze-

zera o justo apreço da exaltação devida a vosso amor: e talvez o orgulho de minha alta geração me permitta aspirar á Supremia dignidade . . . Mas já ouvistes os clamores da inveja, e estaes vendo a horrivel trama da sedição ordida nas trevas do segredo; e os crueis não contentes de me roubarem o Sceptro, dom de vosso amor, querem barbaramente quebrar os laços, que o mesmo Ceo atou! E eu . . . não serei vosso esposo! . . .

Aqui suffocou a dor a falla a Luzinhan; e Sybilla exclamou: Não, por certo não desatarão os laços, com que vivo em doce encantamento. Saiba todo o mundo o meu amor, o meu sacrificio . . . o meu dever! Vossa mulher ha de sacrificar-vos o Imperio Reine outro embora, e tome esse ambicioso Raimundo as redas do Governo. Estou resollvida a ser consorte de Luzinhan; este o meu ditado, e o que eu preito á suprema Magestade . . . Que delicias, replicou Luzinhan, me faz gosar essa declaração! He possivel, Princesa, que assim ameis a Luzinhan? E que vossa ternura faça á minha tanta vantagem! Mas agora também eu mostrarei toda a grandeza de huma alma, em que a vossa inspira. Hora pois, Sibilla, eu vos quito os juramentos, e a fé, que me tendes obrigada: não prometto, que deixarei de adorar-vos; que este esforço sobrepuja o valor mais sobreexcellente. Sim; Sybil-